

# DEBAJO DEL SAYAL HAY ÁL: INDIVÍDUO E SOCIEDADE EM *EL PASTOR DE FÍLIDA*

ANA FERREIRA DA SILVA\*

**Resumo:** Propõe este ensaio uma reflexão em torno de uma das mais bem conseguidas novelas pastoris *en clave* produzidas no espaço ibérico durante o século XVI, *El pastor de Fílida*, de Luis Gálvez de Montalvo, recaindo a tónica sobre o hibridismo ficcional e ideológico que nela se oferece entre dois paradigmas matriciais: a Arcádia e a Corte. Serão dilucidados os princípios constitutivos da estrutura social que subtilmente configura as personagens e dirige as suas acções, num âmbito só à superfície consentâneo com as convenções bucólicas familiares ao leitor. Correspondem esses princípios ao poder material, ao ofício e à linhagem. Num último momento, serão retiradas conclusões quanto ao modo como se propicia, a múltiplos pretextos narrativos, um encontro entre as personagens que transportam o cunho da tradição bucólica e as que reivindicam a pertença ao meio cortesão que o autor conheceu.

**Palavras-Chave:** Novela pastoril; *El pastor de Fílida*; *Novela en clave*; Arcádia.

**Abstract:** It is the main purpose of this essay to analyse one of the most successful pastoral novels written in the Iberian Peninsula during the 16th century, Luis Gálvez de Montalvo's *El pastor de Fílida*. The focus will be set on the fictional and ideological hybridism displayed in the text, involving two essential paradigms:

---

\* Investigadora doutorada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este artigo segue o Acordo Ortográfico de 1945.

the Arcadia and the Court. We will strive to clarify the main constitutive principles underlying the social structure that influences the fictional characters and their actions, within a frame that only apparently follows the well-known bucolic convention. Such principles are wealth, work, and ancestry bonds. Lastly, we will consider the circumstances under which the characters who bear the marks of the bucolic tradition are made to meet and interact with those who claim to belong to the Court as the Author knew it.

**Keywords:** Pastoral novel; *El pastor de Fílida*; *Novela en clave*; Arcadia.

O título que encabeça esta breve exposição encerra um aparente paradoxo, sendo quase inevitável a associação do termo «sociedade» às ideias de ordem, unidade e reciprocidade, mas igualmente às de diversidade, categorização e conseqüente distanciamento. O conceito de hierarquia será talvez aquele que mais eficazmente engloba e harmoniza todas estas noções.

Sucede que reiteradamente nos confrontamos com definições da utopia arcádica que incidem no pressuposto da igualdade entre os seus privilegiados participantes, uma assunção que ocorre tanto nos estudos críticos em torno desta temática, como no seio das próprias obras literárias, que não poucas vezes propagam o mito da igualdade arcádica ao mesmo tempo que o fragilizam. Sabido é que a liberdade e a igualdade se contam entre as prerrogativas dos pastores literários, constituindo acaso os mais infalíveis atractivos da Arcádia, que tem aliciado, sob variadíssimas formas, os espíritos ocidentais desde a Antiguidade. Em considerável medida, o estatismo que distingue boa parte das construções ficcionais bucólicas, mesmo nas suas concretizações mais dinâmicas, deve-se a esta geral equivalência entre caracteres literários.

Todavia, não é da índole estereotipada das personagens pastoris (da qual deriva, de resto, uma igualdade bastante artificial) que nos ocuparemos. As igualdades e desigualdades que nos importa considerar reportam-se menos ao plano emocional ou psicológico dos pastores (cuja rarefacção impede, por vezes, qualquer análise séria deste teor) do que ao plano social, pelo qual entendemos não apenas as relações emocionais ou formais que entre eles se estabelecem, mas também os códigos que, prefigurando-se nelas, as pré-determinam, fomentando-as por um lado, limitando-as por outro.

A Idade de Ouro arcádica surge bosquejada nestes textos mediante um eloquente processo de antagonismos que, preterindo-a sempre, a apresenta enquanto fantasia que se perde em conjecturas sobre o porvir ou, mais comumente, enquanto memória mítica, esvaída pelo curso dos séculos. Só a título excepcional a almejada Idade Saturnina é presentificada, e, quando o é, deixa cair o véu que a recobre, expondo uma nudez de incoerências intrínsecas, tanto a nível estético quanto a nível ideológico.

Geralmente, as realizações literárias deste mito encenam um universo de laivos utópicos, mas profundamente contaminado por uma realidade datável e nutrido por uma conjuntura histórica, cultural ou mental fácil de identificar, e tal aceitação da simbiose entre circunstância e universalidade, realidade e idealismo, temporalidade e mito, relativamente consensual da parte dos autores, sempre de conflituosas repercussões nos textos, remeter-nos-ia, na verdade, para os dois autores que partilham a paternidade deste arquétipo: Teócrito e Virgílio.

É sob este prisma e tomando em consideração estes desafios interpretativos que propomos uma breve reflexão em torno de *El pastor de Filida*, a quinta novela pastoril publicada no espaço ibérico, em 1582, em Madrid, da autoria de Luis Gálvez de Montalvo, novelista e, sobretudo, poeta exímio, tão admirado pelos seus contemporâneos quanto esquecido pelos leitores hodiernos. *El pastor de Filida* situa-se numa zona crítica e indecisa entre o realismo e a utopia social aristocrática, não resvalando ainda no pessimismo ético e social que marca várias novelas posteriores. Nestes casos, o mito pastoril parece ser desvirtuado através da chegada da corte à aldeia ou, porventura, da deslocação voluntária da aldeia para o interior da corte, tornadas possíveis pela activação de elementos comuns a ambas. E não restam dúvidas de que o estatuto de *novela en clave* influi profundamente na concepção deste universo ficcional.

Na novela de Luis Gálvez de Montalvo, a circunstância histórica abrange dois planos inextrincáveis: a realidade social experienciada pelo autor, e aquilo que será mais prudente designar como um fragmento autobiográfico. Pode, pois, considerar-se *El pastor de Filida* a primeira novela pastoril *en clave*, ou, pelo menos, a primeira a que este termo é aplicável em toda a sua extensão, já que nela é a experiência pessoal do autor, bem como todo o processo da sua metamorfose estética, o que formata a narrativa<sup>1</sup>.

Tal como sagazmente constata Juan Bautista Avalle-Arce, «[n]os hallamos [...] ante un doble proceso: pastoralización de la realidad y socialización de la pastoril. Y la efectividad artística de la anécdota depende, precisamente, del balance que se establece entre ambos impulsos»<sup>2</sup>. Desta sorte, a sociedade pastoril constituída por Gálvez de Montalvo, distanciando-se dos modelos precedentes, institui o seu próprio modelo: um trabalhoso hibridismo de bucolismo clássico e ibérico, idealismo cortesanesco e depurado realismo humano. Evidentemente, tal permeabilidade nunca se revela pacífica. Não obstante, uma prodigiosa coerência interna engendra-se a partir destes substratos na novela de Gálvez de Montalvo.

<sup>1</sup> Sobre a factualidade biográfica que subjaz à trama de *El pastor de Filida*, podem ser consultados os já clássicos estudos de Francisco Rodríguez Marín (RODRÍGUEZ MARÍN, 1927) e de José María Alonso Gamó (ALONSO GAMO, 1987).

<sup>2</sup> AVALLE-ARCE, 1975: 146.

Notámos antes que a associação do paradigma pastoril a certos conceitos, entre os quais o de sociedade ou o de hierarquia, parece resultar intrinsecamente paradoxal. No que concerne a *El pastor de Fílida*, porém, não estaremos a propor um paradoxo mais flagrante do que aquele que avança o cura cervantino, no famoso auto-de-fé literário descrito no *Quijote*, ao referir-se do seguinte modo a esta novela: «No es ése pastor [...], sino muy discreto cortesano»<sup>3</sup>. Tais palavras alertam-nos para o cariz atípico desta novela pastoril<sup>4</sup>, dado que a realidade cortesã foi sendo, com frequência, assumida pela tradição como pólo diametralmente oposto à realidade campesina<sup>5</sup>. Ironicamente, e ao mesmo tempo que ilustra o contrário, Gálvez de Montalvo corrobora esta perspectiva: «No dudo yo que en la mayor Babilonia permita amor algún pecho lleno de fe y lealtad, y entre la soledad de los campos alguna intención dañada, para confusión de aquellos y ventaja de estos otros»<sup>6</sup>.

É verdade que alguma forma de distinção entre as personagens bucólicas estereotipadas se fez sempre sentir, tanto na convenção clássica como no ciclo espanhol das *Dianas*, que precede *El pastor de Fílida*. Em qualquer um destes universos é possível nomear algumas personagens que, à conta de alguma qualidade específica, sobressaem entre a multidão de pastores. Os poetas, os anciãos ou os sábios, por exemplo, são alvo de profunda reverência, tal como parecem sê-lo os pastores bem relacionados na cidade ou na corte, mesmo num âmbito em que se suporia que tais critérios cessariam de surtir efeito.

Qualquer uma das situações anteriores encontra expressão também em *El pastor de Fílida*. A sua especificidade não reside, pois, nestes indícios, que nos textos anteriores cumprem sobretudo desígnios de verosimilhança e de enriquecimento temático. Reside, antes, na relevância que lhes é reconhecida no seio do universo ficcional. A manifesta preocupação de distinguir socialmente, não personagens individuais, mas grupos coesos, assim como a influência de tais categorizações nos relacionamentos e interações entre os pastores, são já produtos de uma mundividência cortesã ou urbana<sup>7</sup>. Deste modo, se a utopia arcádica é, por norma, hermética e altamente codificada em termos ideológicos, se conta com um limitado leque temático e com um também restrito número de alternativas de concretização estética, em

<sup>3</sup> CERVANTES, 1990: 120.

<sup>4</sup> Atípica no sentido em que retira ostensivamente a sua substância de um paradoxo que se insinua desde Sannazaro, cujos pastores «vive[m] na Arcádia, conhece[m] os trabalhos usuais da pastorícia, t[ê]m a cultura de um urbano. A própria Arcádia não é *ou* o campo, *ou* a cidade. Nela encontramos representado um ambiente campestre que simula o da cidade. Sob este ponto de vista, o texto bucólico caracteriza-se por um enriquecimento informativo» (MARNOTO, 1996: 19).

<sup>5</sup> Note-se que este antagonismo ideológico prevaleceu desde a dicotomia clássica *negotium/otium*, originalmente mais complexa e não tão inconciliável como, porventura, nos acostumámos a pensar (cf. ROSENMEYER, 1969: 67-68).

<sup>6</sup> GÁLVEZ DE MONTALVO, 2006: 313-314.

<sup>7</sup> Efectivamente, «though tightly knit, pastoral society is loosely organized. It may be inherently well ordered, but it is hardly governed» (ETTIN, 1984: 152).

*El pastor de Fílida* apresenta-se igualmente fechada a nível social. Neste sentido, têm toda a pertinência as palavras do cura cervantino, dado que, se existe um correlato real deste universo pastoril tão peculiar, não poderá ser senão a corte quinhentista, cujo modelo prototípico foi magistralmente delineado por Baldassare Castiglione no seu *Libro del cortegiano*, publicado em 1528, onde são bem patentes a impermeabilidade social e a escrupulosa hierarquização que a caracterizam<sup>8</sup>.

Prévia ao estabelecimento de qualquer hierarquia é a definição dos critérios diferenciadores que constituirão essa sociedade ideal. Consideraremos três: o poder material, o ofício e a ascendência familiar. Qualquer um destes três factores fixa a posição do indivíduo na comunidade, tornando reconhecíveis as suas funções e o seu campo de acção. Constituem, ademais, directrizes para as próprias personagens, estimulando-as a ir ao encontro dos seus pares e, por consequência, a alcançar a sua plena realização humana e estética, enquanto projecções literárias. Assim, qualquer agente de distanciamento social revela, em simultâneo, uma intenção aproximativa perfeitamente lógica.

O primeiro factor que enumerámos, o poder material, é o mais simples dos três, visto que assenta apenas num raciocínio quantitativo. Evitámos deliberadamente os termos «económico», por se insinuar demasiado complexo para este universo, e «monetário», atendendo a que a moeda é um objecto desconhecido pelos pastores arcádicos<sup>9</sup>, cujos imperativos básicos são colmatados pela recollecção (que suprime o árduo trabalho da lavoura) e pela troca directa (que humaniza as prosaicas trocas comerciais). Na obra em estudo, conta-se somente uma referência explícita a esta dinâmica material: a aquisição, por parte da pastora Finea, de um modesto rebanho, logo que chega às praias do Tejo (281).

Quando o pastor Mendino é apresentado ao leitor, na primeira linha da novela, é-lhe atribuído um complexo epíteto, que qualificará, no decurso da narrativa, algumas outras personagens selectas: «el caudaloso Mendino» (213). Ora, a abundância sugerida pelo adjectivo castelhano «caudaloso» pode reportar-se a três planos: dignidades sociais, consequentes regalias materiais ou excelências no plano moral<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> *Il libro del cortegiano* foi prontamente vertido para a língua castelhana pelo poeta Juan Boscán, em 1534, alcançando um sucesso imediato na Península Ibérica. William Empson encontraria na novela pastoril espanhola bons motivos para fortalecer a sua ideia de que «[t]his indeed is one of the assumptions of pastoral, that you can say everything about complex people by a complete consideration of simple people» (EMPSON, 1960: 131). No caso de *El pastor de Fílida*, a única fragilidade desta visão jaz no facto de a própria sociedade pastoril se encontrar já distante de tal simplicidade, conquanto os seus membros sejam simples ainda: estamos perante um jogo de encaixes e de sobreposições de planos ideológicos.

<sup>9</sup> Com efeito, mesmo no contexto mais amplo da novela pastoril espanhola, somente no *Premio de la constancia*, de Jacinto Espinel Adorno, encontrámos reiteradas alusões à moeda e até a quantias exactas (cf. ESPINEL ADORNO, 1620: 47r). Trata-se já, porém, de uma obra contaminada por elementos bastante alheios à novela pastoril primitiva.

<sup>10</sup> As três acepções são admitidas pelo *Diccionario de Autoridades*: «lo mismo que Principal»; «la hacienda que tiene alguno, y los bienes que goza»; «capacidad, juicio y entendimiento adornado y enriquecido de sabiduria» (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1990: 234-235).

Resulta muito conveniente tal ambiguidade, sobretudo no que concerne às duas primeiras implicações — títulos e posses —, atestando a interdependência destes dois sustentáculos do poder social neste universo narrativo.

Frequentemente, alude-se à riqueza de certas personagens de forma ínvia. A incontável soma de cabeças de gado, a pompa dos trajes ou as demonstrações públicas de liberalidade são algumas das sintomáticas manifestações do estatuto materialmente privilegiado usufruído por certos membros da comunidade pastoril, que por isso se distinguem<sup>11</sup>. Não obstante, as referências a uma vertente material da vida campestre nem sempre primam pela subtileza. Na égloga representada na parte IV da novela, convida a pastora Liria o seu inseguro enamorado a declarar a paixão que o flagela, recordando-lhe que é detentor daquelas virtudes às quais nenhuma pastora recusa acolhimento:

*¿no se sabe que paces las dehesas  
con mil ovejas gruesas, abundosas,  
y mil cabras golosas y cien vacas?  
¿No se sabe que aplacas los estíos  
y refrenas los fríos con tu apero,  
y tienes un vaquero y diez zagales?  
Todos estos parrales mal podados  
que tienes olvidados, ¿no son tuyos?  
Pues estos huertos, ¿cuyos te parecen? (352).*

Inverosímil, pensará o leitor, seria semelhante retórica na boca de uma das espirotuosas personagens de *Los siete libros de la Diana*, de Jorge de Montemayor, ou da *Diana enamorada*, de Gaspar Gil Polo, sobretudo encaixilhada entre duas arrasadoras sentenças: «amor más persigue al más hinchado» e «eso todo vale en los amores / porque de los dolores no se sabe» (352). Como se vai percebendo, a inverosimilhança é, neste género literário, fundamentalmente uma questão de perspectivas. Para as personagens desta égloga, o interesse material é um aspecto a considerar no estabelecimento de laços humanos, visto que da confissão amorosa decorre, de forma muito

<sup>11</sup> Recordem-se, respectivamente: o numeroso rebanho de Albanisa, que «apacentaba en la fértil ribera mil vacas, diez mil ovejas criaderas y otras tantas cabras en el monte» (GÁLVEZ DE MONTALVO, 2006: 230); as caprichosas vestes pastoris do jovem Lício, compostas por «un sayo de diferentes colores gironado, mas todo era de pieles finísimas de bestias y reses, unas de menuda lana y otras de delicado pelo, por cuyas mangas, abiertas y golpeadas, salían los brazos cubiertos de blanco cendal, con zarafuelles del mismo lienzo que hasta la rodilla le llegaban, donde se prendía la calza de sutil estambre» (GÁLVEZ DE MONTALVO, 2006: 435); e os prémios oferecidos por Sileno nos jogos fúnebres, entre os quais se contariam «un cayado de acebo guarnecido de estaño, tallado de buril de despojos de caza y por la una parte un gran cuchillo secreto que tocando a una llave salía y tocando a otra se tornaba a esconder [...], un arco [...] de palo indio con la empuñadura de luciente plata y esmalte fino, cuerda de seda, aljaba labrada y seis ligeros tiros de diversas puntas, con plumas variadas blancas, encarnadas y verdes» (GÁLVEZ DE MONTALVO, 2006: 270).

natural, uma preocupação um tanto menos etérea: o dote. Procura-se, pois, matizar o idealismo neo-platónico com uma versão mais realista do quotidiano rústico e cortês, que se encontra sensivelmente a meio caminho entre as *Dianas* e as peças pastoris de Juan del Encina.

A riqueza material tem um valor não despreciando nesta comunidade. Para além de condicionar a constituição de uma pequena elite abonada, esta abundância promove a liberalidade aristocrática, a qual, por sua parte, contribui notoriamente para a dinâmica social da aldeia, segundo se torna claro a partir dos jogos e concursos subvencionados pelo eminente pastor Sileno.

O segundo factor de distinção e de aproximação social mencionado é também de ordem prática: o ofício. Nas bucólicas clássicas, acham-se esporádicas especificações dos diversos mesteres executados pela população rural, aos quais corresponderiam ligeiras distinções sociais no seio do pequeno mundo da aldeia. Em *El pastor de Fílida*, não se verifica tal proliferação de ofícios, uma vez que todos os habitantes das praias que o Tejo banha parecem dedicar-se à pastorícia. Em todo o caso, apenas se alude concretamente a dois rebanhos: um particular e de diminutas dimensões, pertencente a Finea, e outro muito mais numeroso, propriedade do «gran rabadán Paciolo» (285), cuja manutenção exige o empenho de vários trabalhadores, entre os quais Siralvo e Alfeo, dois dos protagonistas masculinos da narrativa. É no âmbito dessa actividade que se estabelecem as imprescindíveis e inquestionáveis categorizações sociais. Justificando o ócio a que se entregam os elementos privilegiados da comunidade pastoril, faz saber o narrador que, «aunque todos se incluyen en el nombre pastoral, los rabadanes tenían mayores, los mayores pastores y los pastores zagales» (419)<sup>12</sup>. O pensamento de Gálvez de Montalvo situa-se, portanto, não na linha do idealismo igualitário arcádico, mas antes na linha de Castiglione, para quem a hierarquia é o óbvio alicerce da ordem e, por conseguinte, da excelência humana<sup>13</sup>.

De um modo geral, escasseiam as menções ao trabalho rural, falta detectada pelo próprio autor, que, para além das explanações já analisadas, se adianta a corrigir a excessiva cortesanização deste universo ficcional, introduzindo, num templo dedicado a Pã, uma tábua de mandamentos rústicos, com instruções para a execução de vários labores (notoriamente mais exíguos, aliás, do que aqueles que, na prosa X da sua *Arcadia*, Sannazaro verte das *Geórgicas* virgilianas): «el tiempo del desquilar, el modo de untar la roña, el talle del mastín, la forma del cayado, el arte de hacer el queso y manteca, y otras muchas menudencias más y menos importantes» (327-328).

<sup>12</sup> O anonimato destes «zagales» favorece a ilusão de um rigoroso ócio arcádico: «this magical extraction of the curse of labour is in fact achieved by a simple extraction of the existence of labourers» (WILLIAMS, 1973: 32).

<sup>13</sup> Mesmo uma perspectiva naturalista, longe de convidar à sua abolição, robustece a ideia de uma consciência hierárquica inerente ao homem e às estruturas sociais por ele constituídas, porquanto «the social order is seen as a part of a wider order: what is now sometimes called a natural order, with metaphysical sanctions» (WILLIAMS, 1973: 29).

Afora esse caso pontual — de um realismo desvirtuado, aliás, pela evidente reminiscência literária clássica —, as poucas referências ao pastoreio focalizam, não os seus trabalhos ou os seus proventos, mas sobretudo a sua funcionalidade social<sup>14</sup>.

Nem todos os elementos da hierarquia pertencem àquele estrato anónimo de humildes zagais. Os próprios Siralvo e Alfeo ocupam um posto intermédio, e a amizade que depressa se consolida entre ambos confirma a eficácia das classes no que tange à criteriosa formação de laços humanos. Sendo embora duas das personagens nucleares da novela, o seu estatuto social na aldeia do Tejo não é cotejável com o de Mendino ou com o do venerando Sileno. A situação de Siralvo sobressai ainda por resultar de uma opção de vida: é-nos dito que o pastor teve ensejo de ascender na escala social, adquirindo um rebanho próprio com o patrocínio de Mendino, mas que dessa oportunidade abdicou, em prol de uma genuína liberdade arcádica<sup>15</sup>.

Estimamos, pois, que os excertos supracitados, ao definirem uma hierarquia pastoril, ultrapassam o mero propósito de verosimilhança detectável em textos anteriores, onde os rebanhos, esporadicamente mencionados, constituem pouco mais do que um adereço cénico. No caso de *El pastor de Fílida*, porém, tanto ou mais do que a verosimilhança ficcional, procura-se assegurar uma certa estabilidade ideológica, fundada na ordem socio-económica que objectivamente rege a comunidade pastoril do Tejo. Assim, a ironia que a justificação oferecida por Gálvez de Montalvo encerra não pertence apenas ao foro estético (ingénuo seria tornar a avaliar a sempiterna discrepância entre a ficção e a realidade), mas procura também denunciar o paradoxo latente nesta existência estilizada, na qual se cruzam a auto-suficiência e o *otium* aristocrático, dois ideais já em si não pouco exigentes<sup>16</sup>.

Todavia, se a hierarquia assentasse exclusivamente na propriedade ou num cargo profissional, revelaria um equilíbrio frágil, atendendo a que, conforme vimos a propósito de Finea e de Siralvo, possíveis são as ascensões em ambos esses domínios. Por tal motivo, existe para elas um limite, ditado por outro factor mais preponderante: a linhagem. Dado que em *El pastor de Fílida* sociabilidade e arte — hierarquia social e hierarquia estética — constituem motivos inextrincáveis, à

<sup>14</sup> «Aquí están – dijo Siralvo – mil ovejas del gran rabadán Paciolo que las guardaba Liardo y ahora está con Sileno. Este rebaño tiene cuatro zagales diligentes, cabaña nueva, instrumentos muy cumplidos, dehesa propia en que se apacienta y abrevaderos y corrales para él solo. Está en cargo buscar un mayoral que le gobierne, y si Alfeo le quiere tomar al suyo, en cuanto yo le pudiere descuidar, lo haré con las mismas veras que lo ofrezco» (GÁLVEZ DE MONTALVO, 2006: 285).

<sup>15</sup> A um tempo, Siralvo apresenta-se como herdeiro dos paradigmas de Teócrito (cujos pastores não são servos nem proprietários, eximindo-se, assim, às angústias quer de uma, quer de outra situação), do tópico horaciano da *aurea mediocritas* (que exclui os bens materiais supérfluos) e do idealismo neoplatónico (que se concentra na vertente espiritual da existência).

<sup>16</sup> Com acerto escreve Amadeu Solé-Leris: «Gálvez de Montalvo was well aware of the fact that a pastoral that reflected more closely the events and fabric of actual society tended thereby to invite comparison with the circumstances of everyday existence and thus became less, rather than more, credible than one that relied entirely on purely ideal standards» (SOLÉ-LERIS, 1980: 120).



categorização social dos pastores corresponderá uma posição narrativa determinada, duplamente necessária, portanto.

Se noutras *novelas en clave* a representação ficcional de indivíduos de alta estirpe é subtil e matizada de modo a encaixar nas idiosincrasias arcádicas, em *El pastor de Fílida* o conceito de linhagem não só é assumido, como se revela determinante na urdidura de um tecido social substancialmente mais complexo. Algumas personagens constituem uma espécie de elite pastoril, sobretudo aquelas que gravitam em torno do patriarca Sileno, tanto por afinidade de sangue — desde logo Elisa, sua filha, e outros seus parentes —, como na condição de apaniguados — entre os quais Mendino, Castalio e Cardenio. Estes últimos não são, decerto, seleccionados de forma aleatória: se alcançam esse estatuto privilegiado é porque a pertença a uma família ilustre os credita. Para que este código social resulte eficaz, cumpre ainda que a família seja reconhecível, ao menos pelos pastores oriundos da mesma classe, inclusivamente noutros âmbitos pastoris<sup>17</sup>. É o cumprimento de tais requisitos que permite a circulação de pastores aristocratas entre aldeias, sem que o seu prestígio saia lesado, assim como sucede com Mendino, que é acolhido por «la mayor nobleza de la pastoría» (214), sendo-lhe logo adjudicado e reconhecido, apesar de estrangeiro, um lugar proeminente na comunidade, junto de Sileno e dos seus. Os elementos identificadores destas famílias não escamoteiam o seu realismo: algum avoengo célebre — «nieta del gran Rabadán Mendiano» (213) —, o local de origem, que comumente acompanha os títulos nobiliários — «Mis bisabuelos en la [ribera] de Adaja apacentaron» (307) — ou até o brasão de armas — «las alas de un águila de plata sobre color de cielo» (307).

Visivelmente deslocadas no âmbito estético e ideológico em que são inseridas (ou, pelo contrário, envolvidas por uma atmosfera que não parece coadunar-se com elas), estas personagens acham-se, contudo, no centro do universo ficcional de *El pastor de Fílida*. Os amores exemplares entre Siralvo e Fílida e entre Mendino e Elisa constituem os eixos da estrutura diegética, e Gálvez de Montalvo, ao conceber os seus protagonistas, parece ter seguido a lição das narrativas sentimentais, de cavalarias e de aventuras, fazendo-os destacar-se não só pela excelência interior, mas também pela condição social<sup>18</sup>.

No entanto, não só em protagonismo se traduz a condição aristocrática, mas também numa paradoxal restrição ao nível da actuação dos pastores, que estilhaça os ideais de liberdade hedonista tão característicos das formulações clássicas da Arcádia.

<sup>17</sup> O aristocrata «efectivamente só faz parte da “boa sociedade” na medida em que os outros estão *convencidos* disso, o consideram como *um dos seus*» (ELIAS, 1987: 69).

<sup>18</sup> Por outro lado, não é pouco significativo que Castiglione projecte o mesmo ideal para o perfeito cortesão, a quem, para além das prendas pessoais, conviria ser detentor de uma ascendência insigne: «Voglio adunque che questo nostro cortegiano sia nato nobile e di generosa famiglia» (CASTIGLIONE, 1990: 39). A este aspecto dedicou algumas páginas Miguel Ángel Martínez San Juan (cf. MARTÍNEZ SAN JUAN, 2003: 95-97).

Assim, Elisa e Fílida, as duas pastoras que representam a aristocracia feminina, são constrangidas a manter um recato rigoroso, que limita bastante a frequência das suas aparições e que impõe à vivência dos seus amores estritas regras de segredo, de dissimulação e de insatisfação, esteticamente canalizadas para um forçado platonismo. Note-se que os louvores endereçados a estas donzelas exemplares abarcam, invariavelmente, a rectidão da conduta, em que reluz a excelência moral dos seus espíritos: se Elisa é dotada «de maduro juicio, amada de muchos, mas de ninguno pagada» (214-215), Fílida ostenta um «entendimiento [...] de varón muy maduro y muy probado» (299). A própria formosura destas pastoras, que supera a das demais figuras femininas, se oferece como um indício tanto da sua superioridade social, como da virtude que, por tradição, a acompanha<sup>19</sup>.

À parte destes pastores, declarados duplos da fidalguia espanhola com a qual Gálvez de Montalvo terá tratado, sobra uma numerosa massa social de personagens, que somente não destoam de forma flagrante do universo aristocrático porque ele próprio se presta já a profundas ambiguidades, porventura atenuadas em virtude da repetição. O seu estatuto na comunidade nunca é explicitado com grande precisão, embora indirectamente se insista na igualdade de uns em relação aos outros e, sobretudo, de todos perante a classe dominante. Todos pertencem (tal como a fidalguia pastoril, mas noutro sentido) a um conjunto universal, dotado de códigos próprios. Se estas figuras pastoris não parecem ter um lugar determinado na estrutura hierárquica, é justamente por se encontrarem à margem dela, aproximando-se muito mais, pois, do arquétipo estabelecido pelos autores clássicos. A estes pastores é aplicável o conceito de família global, até porque, para além de se ignorar em absoluto a sua ascendência, não existem entre eles quaisquer relações de parentesco, alicerçando-se todas as afinidades no princípio convencional, de ascendência aristotélica, da semelhança de caracteres e de interesses.

Para um simples pastor enamorado, qualquer hora é bem aprazada para buscar e conversar com a senhora dos seus pensamentos, desde que o amor — única entidade a quem se encontra sujeito — o instigue nesse sentido. A presença de outros pastores não inibe os amantes nem compromete a sua honestidade, até porque todos, sentindo ou tendo sentido no passado os efeitos das mesmas paixões, se compadecem e se compreendem mutuamente. E não há dúvidas de que para tal liberdade emocional, inerente à utopia clássica e novamente enaltecida, embora com restrições e com diferente intenção, em algumas novelas pastoris do *Siglo de Oro*, muito contribui a

---

<sup>19</sup> Sagazmente observa António Cirurgião a propósito das personagens da *Diana* de Jorge de Montemayor: «a beleza é apanágio de toda a mulher. Convém, porém, notar que existe uma hierarquia na beleza feminina, hierarquia que é universalmente aceite. [...] [A] mulher bela é por natureza boa e virtuosa, ou, pelo menos, a sociedade exige que assim seja» (CIRURGIÃO, 1968: 402a, 406a).

ausência de vinculações a grupos familiares, o que, como se viu, acarreta responsabilidades e condiciona o olhar dos outros e sobre os outros.

Por outro lado, desarraigados de tudo o que não seja o amor presente, livremente vivido e manifestado, estes pastores preservam aquela irrealidade vaga, acrónica e a-histórica de entidades puramente literárias, traço distintivo da típica personagem que se identifica com a literatura subordinada ao vastíssimo tema ou, antes, ao *state of mind* que a pastoral representa, como tão afortunadamente arrisca caracterizá-la Simeon K. Heninger<sup>20</sup>. Não sem motivo são as personagens pertencentes à elite pastoril as que têm dado que pensar aos críticos na hora de identificar as personalidades históricas disfarçadamente implicadas nesta Arcádia cortesanesca. Quanto às restantes, de óbvia índole ficcional e tipificada, não se verifica qualquer esforço nesse sentido, o que sublinha o facto de umas e outras possuírem naturezas manifestamente distintas<sup>21</sup>.

Novelistas posteriores, tais como Miguel de Cervantes, Lope de Vega ou Cristóbal Suárez de Figueroa, tirariam partido desta engenhosa bimbembação do universo ficcional, uma vez polidas as arestas do complicado hibridismo que resulta da transplantação da corte para a aldeia. As novidades introduzidas por Luis Gálvez de Montalvo superam a mera opção estrutural, estendendo-se à própria concepção do bucolismo literário, o qual, para além de assimilar tradições estéticas e ideológicas de diversas proveniências, passa a conjugar de forma mais franca e ousada a universalidade do mito arcádico com a curiosidade da anedota circunstancial, eternizada, deste modo, num género por onde o tempo não passa e que passa por todos os tempos.

## REFERÊNCIAS

- ALONSO GAMO, José María (1987) — *Luis Gálvez de Montalvo. Vida y obra de ese gran ignorado*. Guadalajara: Institución Provincial de Cultura Marqués de Santillana / Excelentísima Diputación Provincial.
- AVALLE-ARCE, Juan Bautista (1975) — *La novela pastoril española*. Madrid: Istmo.
- CASTIGLIONE, Baldassare (1990) — *Il libro del cortegiano*. Introduzione di Amedeo Quondam; note di Nicola Longo. Milano: Garzanti.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de (1961a) — *La Galatea*. Prólogo y notas de Juan Bautista Avalle-Arce. Madrid: Espasa-Calpe, vol. 1.

<sup>20</sup> Cf. HENINGER, 1961: 257.

<sup>21</sup> Desde Juan Antonio Mayans y Siscar, no século XVIII, até aos entusiásticos Rodríguez Marín e Alonso Gamo, no século XX, os leitores eruditos de *El pastor de Fílida* têm empenhado não menos esforços imaginativos do que investigações históricas numa tentativa de desvendar as identidades reais das personagens desta novela. As figuras centrais, Siralvo, Fílida e Mendino, parecem ter já deixado cair a máscara, sendo, com unanimidade, reconhecidas como representações ficcionais do próprio Luis Gálvez de Montalvo, de Doña Magdalena Girón e de Don Enrique de Mendoza, respectivamente. A propósito da intenção autobiográfica de *El pastor de Fílida*, Miguel Ángel Martínez San Juan reúne um conjunto de referências que abarca mais de uma dezena dos mais conceituados estudiosos da novela pastoril espanhola (cf. MARTÍNEZ SAN JUAN, 2001: 116, n.º 5). Veja-se também, na sua tese de doutoramento, o capítulo alusivo à «Noticia Biográfica» de Gálvez de Montalvo (cf. MARTÍNEZ SAN JUAN, 2003: 17-23).

- (1961b) — *La Galatea*. Prólogo y notas de Juan Bautista Avalle-Arce. Madrid: Espasa-Calpe, vol. 2.
- (1990) — *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Edición, introducción y notas de Luis Andrés Murillo. Madrid: Castalia, vol. 1.
- CIRURGIÃO, António (1968) — *O papel da beleza na Diana de Jorge de Montemor*. «Hispania», vol. 51, n.º 3, p. 402-407.
- ELIAS, Norbert (1987) — *A sociedade de corte*. Tradução de Ana Maria Alves. Lisboa: Editorial Estampa.
- EMPSON, William (1960) — *Some Versions of Pastoral*. New York: New Directions Paperbook.
- ENCINA, Juan del (2008) — *Teatro completo*. Edición de Miguel Ángel Pérez Priego. Madrid: Cátedra.
- ESPINEL ADORNO, Jacinto (1620) — *El premio de la constancia, y pastores de Sierra Bermeja*. Madrid: Alonso Martín.
- ETTIN, Andrew V (1984) — *Literature and the Pastoral*. New Haven: Yale University Press.
- GÁLVEZ DE MONTALVO, Luis (2006) — *El pastor de Filida*. Edición de Miguel Ángel Martínez San Juan. Málaga: Publicaciones de la Universidad de Málaga.
- GIL POLO, Gaspar (1988) — *Diana enamorada*. Edición, introducción y notas de Francisco López Estrada. Madrid: Castalia.
- HENINGER, Simeon K. (1961) — *The Renaissance Perversion of Pastoral*. «Journal of the History of Ideas», vol. 22, n.º 2, p. 254-261.
- MARNOTO, Rita (1996) — *A Arcadia de Sannazaro e o bucolismo*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- MARTÍNEZ SAN JUAN, Miguel Ángel (2001) — *L'Arcadia, Il cortigiano y El pastor de Filida: entre la autobiografía, la intertextualidad y la emulación*. «Cuadernos de Filología Italiana», n.º 8, p. 115-131.
- (2003) — *Estudio y edición de El pastor de Filida por Luis Gálvez de Montalvo*. Madrid: Universidad Complutense. Tese de doutoramento.
- MAYANS Y SISCAR, Juan Antonio (1792) — *Prólogo*. In GÁLVEZ DE MONTALVO, Luis — *El pastor de Filida*. Valencia: Salvador Faulí, p. I-LXXXIV.
- MONTEMAYOR, Jorge de (2008) — *La Diana*. Edición de Asunción Rallo. Madrid: Cátedra.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1990) — *Diccionario de Autoridades*. Madrid: Gredos.
- RODRÍGUEZ MARÍN, Francisco (1927) — *La Filida de Gálvez de Montalvo*. Madrid: Tipografía de la Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos.
- ROSENMEYER, Thomas G. (1969) — *The Green Cabinet. Theocritus and the European Pastoral Lyric*. Los Angeles: University of California Press.
- SANNAZARO, Iacopo (1990) — *Arcadia*. A cura di Francesco Erspamer. Milano: Mursia.
- SOLÉ-LERIS, Amadeu (1980) — *The Spanish Pastoral Novel*. Boston: Twayne.
- SUÁREZ DE FIGUEROA, Cristóbal (2002) — *La constante Amarilis*. Estudio y edición de María Asunción Satorre Grau. Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- TEÓCRITO (1960) — *Bucoliques grecs*. Tome I: *Théocrite*. Texte établi et traduit par Philippe E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres.
- VEGA, Lope de (1975) — *La Arcadia*. Edición, introducción y notas de Edwin S. Morby. Madrid: Castalia.
- VIRGÍLIO MARÃO, Públio (1970) — *Bucoliques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres.
- (1974) — *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres.
- WILLIAMS, Raymond (1973) — *The Country and the City*. London: Chatto & Windus.